

# O FUNCIONAMENTO DAS INTER-RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA DIANTE DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

*(THE FUNCTIONING OF INTER-RELATIONSHIPS BETWEEN FAMILY AND SCHOOL BEFORE CHILD DEVELOPMENT)*

Francisca Rosa de Aguiar<sup>1</sup>  
Hele Guerreiro<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo a pesquisa e análise de como funcionam as inter-relações da família com a escola na ótica das professoras. A metodologia utilizada foi a fundamentação teórica e a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, aplicadas às professoras da Educação Infantil de uma escola da rede pública de Fortaleza. O que ficou muito claro após a realização de uma revisão bibliográfica e investigação a partir das falas de professoras da Educação infantil foi que a família tem uma ligação e influência muito direta no desenvolvimento do ensino-aprendizagem da criança, justamente porque o espaço familiar é também um ambiente de aprendizagem, o que torna a participação em conjunto com a escola extremamente positiva, tendo em vista a diversidade das estruturas familiares.

**Palavras-chaves:** Inter-relações. Escola. Família.

## ABSTRACT

This article aimed to research and analyzed how the family's interrelationship with the school work from the perspective of teachers. The methodology used was the theoretical foundation and data collection was performed through semi-structured interviews, applied to early childhood education teachers from a public school in Fortaleza. What became very clear after conducting a bibliographic review and research from the statements of early childhood education teachers, was that the family has a very direct connection and influence on the development of the child's teaching-learning, precisely because the family space is also a learning environment, which makes participation together with the school extremely positive, diversity of family structures.

**Keywords:** Interrelationships. School. Family.

---

<sup>1</sup> Francisca Rosa de Aguiar. Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia - Uniateneu. Email: rosaaguiarandrade09@gmail.com

<sup>2</sup> Hele Guerreiro. Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia - Uniateneu. Email: hele.tavares@uniateneu.edu.br

## INTRODUÇÃO

Na área da educação os estudos sobre a família são amplamente investigados sob a ótica de vários eixos profissionais, como por exemplo, na psicologia escolar, que trabalha diretamente na mediação não só dos profissionais da instituição escolar como também com a família dos alunos. Porém, vale lembrar que esse interesse em estudar a temática pela própria psicologia educacional foi demorada, e caminhou de forma lenta no Brasil, o que torna esse assunto algo ainda recente, e o que surpreende, pois essa relação da escola com a família faz parte do próprio desenvolvimento social do ser humano, não só dentro de uma instituição educacional.

A pedagogia é outro exemplo claro de área de estudo dessa temática, pois os pedagogos estão diretamente envolvidos no desenvolvimento cognitivo das crianças dentro da sala de aula, e também atuam com a mediação entre a escola e a família de seus educandos.

Neste cenário, vale destacar que o conceito de família envolve múltiplas realidades, para Oliveira e Marinho (2010), “a família é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social”. Este conceito deixa claro o quanto a família independente de sua estrutura, deve ser responsável pela construção do indivíduo já a partir da sua infância, digamos que é a primeira experiência educacional que a criança irá ter e por isso deve ser considerada.

Petzold (1996), também explica que o conceito de família é amplo e há diferentes formas de explicá-la, tais como pela ótica jurídica e legal, proximidade genealógica, laços sanguíneos, e até mesmo o compartilhamento de uma casa com crianças.

Sabe-se ainda que, há inúmeras realidades socioeconômicas entre as famílias do Brasil, e muitas vivem em situação de miséria total, o que limita drasticamente as condições para um bom crescimento e desenvolvimento infantil, e inclusive, esta realidade repercute até nas taxas de evasão escolar, em que muitas crianças e adolescentes abandonam a escola para trabalhar e complementar a renda da família.

Atrelado a isso, a inserção cada vez maior da mulher no mercado de trabalho, por necessidade ou por independência financeira, colaborou para a redução da participação da família nas atividades escolares, pois a atividade de acompanhar a educação e desenvolvimento é culturalmente mais associada ao papel de mãe e

esposa, enquanto o papel do pai é mais associado ao de provedor. Sem contar que, há muitas mães-solo, chefes de família sem a presença da figura paterna, que por desempenharem uma dupla jornada, de trabalho e doméstica, também não conseguem acompanhar o desenvolvimento educacional de seus filhos mais perto.

Partindo desta contextualização, associada à vivência acadêmica da pesquisadora em campo de prática curricular, surgiu o seguinte questionamento norteador da pesquisa: Como se dá o funcionamento das inter-relações entre família e escola diante do desenvolvimento da criança a partir da ótica de professoras da Educação infantil de uma rede pública de Fortaleza?

Vale ressaltar, que o interesse em investigar sobre a temática se deu pela observação e busca de entender sobre a realidade das crianças e de como aproximar a família da escola para compreender sua influência no desenvolvimento da criança.

Sendo assim, têm-se a hipótese de que há o interesse das escolas em se realizarem atividades que aproximem as famílias dentro do cenário educacional, que se dá a partir do entendimento de que a família se trata de uma extensão da criança, pois como faz parte do entorno social e afetivo dela, pode influenciar positivamente, quando bem direcionada pela escola, ou de forma negativa, atrapalhando assim o desenvolvimento da criança.

Partindo deste pressuposto, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar como funcionam as inter-relações da família com a escola sob a ótica das professoras de Educação Infantil, o que essas profissionais entendem sobre o conceito de família e suas particularidades, tais como o preconceito, políticas públicas e a inclusão de crianças especiais.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Relação família-escola**

De início, é possível deixar claro um fator importante sobre a relação família-escola e que elas devem se fortalecer pois são, dois importantes contextos que irão resultar no desenvolvimento da criança.

Tanto a família quanto a escola da criança, por assim dizer, desejam o mesmo objetivo: preparar as crianças para o mundo, mas, a família tem suas particularidades e se diferenciam da escola. A escola tem sua metodologia, filosofia, fruto de estudos

científicos voltados para a Pedagogia, Educação e Psicologia, com o objetivo de educar as crianças. De outro lado, temos a família, com seu amor pelas crianças, mas muitas vezes sem a fundamentação teórica. Considerando tudo isso, a escola não pode deixar de lado a família para concretizar o seu projeto educativo que é oferecer ensino-aprendizagem com qualidade (PAROLIM, 2003).

Assim, podemos verificar que é uma observação que faz parte da nossa atualidade, pois fica claro diante do contexto educacional a importância da participação efetiva da família na escola, influenciando de forma positiva no cotidiano da criança em contexto escolar, e suas classificações tal como podemos ver na reflexão a seguir:

Os contextos (...) podem ser considerados como uma série de estruturas encaixadas, umas às outras, diferenciando-se em quatro níveis: micro, meso, exo e macrossistema. O nível mais interno é o chamado *microsistema*, o qual pode ser a casa, a sala de aula, a igreja. O segundo nível é o *mesossistema*, caracterizado pelas interconexões entre dois ou mais ambientes, nos quais o indivíduo tem participação ativa, caso da relação família-escola. O *exossistema*, o terceiro nível desse contexto, é definido como uma interconexão de vínculos entre ambiente imediato, onde o indivíduo participa ativamente, e outros ambientes dos quais não participa diretamente, mas que têm características que influenciam seu cotidiano. O último contexto, sendo o mais externo, é o *macrossistema*, definido como um sistema de ideias, valores, crenças e ideologias subjacentes à forma dos conteúdos do micro, meso e exossistema (MARCONDES; SIGOLO, 2012, p. 91).

Sendo assim, é possível fazer observações importantes sobre as diversas complexidades existentes nas correlações entre escola e família, tentando de alguma forma também compreender sobre as políticas formadas para o desenvolver desses processos sistemáticos na educação, e no social. Onde é possível perceber que a educação é também construída em variados ambientes, não só na escola em si.

Oliveira e Marinho (2010), em seus estudos falam que “a família é considerada a primeira agência educacional do ser humano e é responsável, principalmente, pela forma com que o sujeito se relaciona com o mundo, a partir de sua localização na estrutura social”, nesse sentido o conceito deixa claro o quanto a família independente de sua estrutura, deve ser responsável pela construção do indivíduo já a partir da sua infância, digamos que é a primeira experiência educacional da criança irá ter e por isso deve ser considerada.

Petzold (1996) afirma que o conceito de família permeia várias suas definições tradicionais, das quais podemos citar os laços de sangue, e a convivência com crianças em um domicílio. Vale ressaltar que na atualidade o nome família vem sendo ampliado para além do sangue, tais como os laços identitários que unem pessoas em um propósito, tais como em um grupo religioso, político, cultural, dentre outros.

Dessa forma, é possível fazer observações importantes sobre as diversas complexidades existentes nas correlações entre escola e família, tentando de alguma forma também compreender sobre as políticas públicas formadas para o desenvolver desses processos sistemáticos na educação, e no social, já que é possível perceber que a educação é também construída em variados ambientes, não só na escola em si.

No Plano Nacional de Educação-PNE, por exemplo, podemos identificar vários trechos em que é mencionada como a escola pode promover a participação familiar na escola, como podemos ver a seguir:

2.9) incentivar a participação dos pais ou responsáveis no acompanhamento das atividades escolares dos filhos por meio do estreitamento das relações entre as escolas e as famílias;

7.10) fixar, acompanhar e divulgar bienalmente os resultados pedagógicos dos indicadores do sistema nacional de avaliação da educação básica e do IDEB, relativos às escolas, às redes públicas de educação básica e aos sistemas de ensino da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, assegurando a contextualização desses resultados, com relação a indicadores sociais relevantes, como os de nível socioeconômico das famílias dos (as) alunos (as), e a transparência e o acesso público às informações técnicas de concepção e operação do sistema de avaliação;

19.6) estimular a participação e a consulta de profissionais da educação, alunos (as) e seus familiares na formulação dos projetos político-pedagógicos, currículos escolares, planos de gestão escolar e regimentos escolares, assegurando a participação dos pais na avaliação de docentes e gestores escolares (BRASIL, PNE, 2014).

Em um estudo muito importante realizado por Silva (2001), que tinha como tema a “Interface escola-família, um olhar sociológico: um estudo etnográfico no 1º ciclo do ensino básico”, o autor pontua que ambos os contextos possuem especificidades, que devem ser compreendidas, respeitadas e valorizadas.

As famílias e docentes podem e devem cooperar, firmar parcerias, de forma a aprender uns com os outros na medida em que percebem competências educacionais

específicas de cada uma, e que podem (e devem) sim ser compartilhadas para o benefício do educando.

Diante de uma instituição educacional como a escola, é necessário que exista uma grande parceria entre os funcionários para que a partir disso construam um ambiente de responsabilidade, de autenticação e respeito às crianças e suas diferenças pessoais e familiares, tentando fazer com que todos sejam bem acolhidos e se sintam incluídos. Na citação abaixo é possível entender melhor sobre a diversidade de famílias:

Atualmente, há uma diversidade de família no que diz respeito à multiplicidade cultural, orientação sexual e composições. Essa diversidade vai além da família dita há tempos atrás como tradicional. São elas: família homoafetivas ou casais homossexuais, família extensa, família multigeracional, família reconstituída ou recasada, família de mãe ou pai solteiro, casais que vivem juntos e que vivem com alguém cuidando da criança, entre outros. Logo, família, antes vista como pai, mãe e filhos, teve esta constituição e concepção familiar se transformando ao longo do tempo. Além de casais homoafetivos e do processo de adoção de filhos, a emancipação da mulher também culminou na mudança conceitual de família (COSTA; SOUZA, p. 4-5, 2019).

Por esta razão é tão importante que existam capacitações e formações continuadas que sempre atualizem a todos os funcionários sobre as novas constituições familiares, sobre as novas formas de reconhecimento de gênero, sobre as novas formas de trabalhar com crianças com deficiências físicas e intelectuais, enfim, em se trabalhar as particularidades de cada aluno. Precisamos também que os profissionais conheçam as políticas públicas educacionais de inclusão, e também de novas formas de oferecer aprendizados, considerando as particularidades das crianças e suas famílias.

O que entra a partir dessa perspectiva familiar é também a questão do patriarcado que a muito tempo colocou a função de levar os filhos à escola e ser responsável pela educação dos filhos às mulheres, o que dificultava ainda mais as mães a escola, pois elas também tinham suas responsabilidades de “dona de casa”, o que automaticamente fazia com que também o pai não participasse dessas atividades e a escola atuasse de forma unilateral no processo de aprendizagem da criança.

Isso seria então mais um fator de dificuldade da escola em fazer com que a

família, que significa todos aqueles responsáveis pela criação da criança, de participar efetivamente e diariamente nas questões escolares. Logicamente sabemos que atualmente a participação dos pais também cresceu justamente porque houve uma certa quebra no patriarcado, mas não deixa de ser mais uma problemática ainda encontrada nas escolas, trazer os pais para dentro da escola.

Podemos então entrar em outra questão importante que é a responsabilização por inteiro que muitas vezes a família deposita em cima da escola na formação da criança, colocando a unicamente como responsável por isso, o que dificulta bastante o contato com a família, porque automaticamente a família se afasta da escola e “deixa que eles resolvem”.

Considerando que o ser humano aprende o tempo todo e em diversas áreas de sua vida, o papel da família é muito importante na construção de seus valores, pois é esta que determina desde cedo que escolas irão frequentar, que atitudes precisam tomar diante de determinadas situações, além de ser responsável por garantir que seus resultados sejam positivos. Porém, muitas famílias não participam da vida escolar da criança e colocam para a escola toda a responsabilidade pela educação, direcionando a ela a incumbência da formação do indivíduo (COSTA; SOUZA, p. 3, 2019).

Em alguns casos como em famílias que vivem em vulnerabilidade social em vários âmbitos, onde em sua casa a mãe ainda é responsável pela educação dos filhos e se encontra com um número alto de filhos, acaba vendo a escola como um refúgio para poder realizar outras tarefas, o que acaba sendo compreensivo vendo pela perspectiva de sua realidade, mas é totalmente problemático para a criança passar por isso, e que certamente pode prejudicá-la no seu aprendizado escolar.

Ao compreender as particularidades de cada família que existe em determinada escola, por exemplo, faz com que haja uma aproximação com a vivência do sujeito, o que automaticamente se faz possível encontrar modos de se aproximar ou trazer aquela família para perto.

### **3 METODOLOGIA**

A abordagem utilizada na pesquisa foi qualitativa, na qual ela utiliza da análise de aspectos mais subjetivos, diante de fatores/fenômenos coletivos de diferentes ambientes, levando em consideração a cultura na qual o objeto de estudo está, o

tempo, suas características.

Em uma primeira etapa realizou-se uma revisão de literatura para a construção da fundamentação teórica deste estudo. Com o advento das ferramentas online gratuitas, a busca por autores que falassem sobre a temática, foi retirada de sites idôneos online: Scielo, REP - Repositório de produção da USP, Repositório Institucional UFScar, Repositório Aberto da Universidade do Porto, dos quais foram definidos como critérios de inclusão artigos sobre a temática família-escola, para que assim fosse possível fazer as conexões, e os resultados advindos da coleta de dados.

Outro critério utilizado para a fundamentação teórica desta pesquisa foi fazer uso de artigos/pesquisas que foram escritas a um período de tempo longo para que assim fosse possível trazer as mudanças que ocorreram ao longo do tempo. Além disso, os artigos a serem incluídos precisaram atender aos objetivos da pesquisa e que tivessem disponíveis na íntegra e gratuitamente.

Dessa forma, buscou-se não engessar a pesquisa a partir de somente uma banca de dados, dando assim uma fundamentação mais ampla na pesquisa, o grupo em foco da pesquisa foi a família, e crianças, onde optei por estudos que falam sobre a diversidade de famílias, e novas atribuições e quebra de padrões para que torne o trabalho o mais inclusivo possível.

Na segunda etapa da pesquisa foi realizada uma entrevista semiestruturada contendo oito questões subjetivas a fim de coletar informações a partir das falas das duas professoras da educação infantil mediante a questionamentos tais como: o conceito de família, a importância da família na escola para o desenvolvimento dos alunos, a questão das políticas públicas para a inclusão da família na escola.

Vale destacar que a coleta de dados foi realizada com bastante dificuldade em uma instituição de ensino da rede pública do município de Fortaleza, Ceará, Brasil, feita com educadoras da Educação Infantil. Foram necessárias diversas visitas para que a coleta de dados pudesse ser realizada da melhor forma possível.

A escolha da escola se deu pela sua importância com relação à temática, visto que era uma instituição que considerava a participação da família na escola. Todas as colaboradoras da escola foram convidadas a participar da pesquisa, de forma livre, informada e sem ônus financeiro, e as que tiveram interesse e disponibilidade em contribuir, foram aceitas como participantes do estudo e tiveram que assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como foram informadas dos objetivos, riscos e benefícios da pesquisa. No fim, duas educadoras integraram a



pesquisa.

O registro da entrevista foi realizado por meio de gravação de áudio, com o uso de aplicativo de aparelho telefônico, e por conseguinte, as falas foram transcritas para a forma escrita, na íntegra e fidedignamente ao relatado pelas entrevistadas.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para preservar as identidades das participantes do estudo, e para assegurar seu anonimato, ao citá-las, serão chamadas por nomes fictícios, Ana e Bia.

Na primeira pergunta lançada às entrevistadas tinha o seguinte questionamento afim de conhecer o que estas percebiam sobre o conceito geral de família: O que é família para você?

Ao observar suas respostas verificamos uma coesão, pois ambas entrevistadas demonstraram o reconhecimento dela como uma base relevante na vida criança, como podemos ver nos seus relatos a seguir:

Professora Ana: a família é a base de tudo, pois trabalha nossas emoções e comportamento, a família que vai moldar não de uma forma quadrada mais sendo a fonte principal do buscar e copiar por mais que trabalhamos na escola necessitamos desse elo com a família como por exemplos vemos muito a questão do preconceito com a cor da pele e também pelos pais coloca para o filho assistir. Alguns desenhos acabam ensinando isso a criança, a família é a nossa base pois o que aprendemos na nossa infância é o que levamos para toda a vida.

Professora Bia: acredito que seja a base de tudo mesmo sabendo que hoje exista um vasto exemplo de família, acredito que precisa ter uma religião, acreditar em algo, passar para criança tranquilidade, trabalhar bem o emocional, ver a criança não só um participante, mas, mostrar para os filhos as virtudes, valores procurar não só dizer mais fazer. De exemplo, o que eu sou hoje foi o que recebi dos meus pais, acredito que a família é a raiz de tudo porque você tendo uma boa educação, referência, orientação e estímulo você vai pro mundo numa boa.

Nota-se em seus relatos a questão do racismo existente e a relevância da religião como influenciador moral no processo educativo. Porém, não houve menção dos diferentes tipos de família, como a homoafetiva, e sua inclusão nas questões sobre preconceito.

Sobre o preconceito no ambiente escolar, para Strücker *et al.* (2015), nos informa que “a escola (...) precisa de um ambiente acolhedor, sem qualquer

preconceito, para todos debaterem e famílias, educadores e alunos conviverem em harmonia”. Com isso, compreende-se que na escola é preciso lutar pela desmistificação de preconceitos, a escola também deve ser um espaço para discussão. Nesse ponto, destacamos que ainda é preciso fazer formações continuadas para informar sobre os diferentes tipos de famílias e suas configurações além dos laços consanguíneos.

Na segunda pergunta, questionou-se sobre a participação da família na escola, como é promovida: De que forma a escola trabalha para incluir a família na aprendizagem do educando?

Vimos que na visão da professora Ana, ainda é algo pontual, algo bem tradicional, muito específico a aprendizagem, algo burocrático. Já a professora Bia, verificamos melhor entendimento, pois ela nos relata momentos importantes onde a família também pode estar presente, não apenas em reuniões, mas em atividades lúdicas produzidas pelos alunos como na Semana da Literatura Infantil:

Professora Ana: temos os encontros pedagógicos, os relatórios onde chamamos a família para conversar estamos sempre nesse elo escola, psicóloga, pais e professores.

Professora Bia: fazemos reuniões onde mostramos toda a nossa rotina, temos a fica de acompanhamento, temos a semana da literatura infantil onde chamamos as famílias para participar das atividades realizadas pelos alunos.

Um outro exemplo deste modo de inclusão é o Projeto Amigos da Escola, em que os pais que têm tempo, desejo e prazer em executar essa tarefa, podem participar das ações institucionais e atuarem como mediadores em trabalhos voluntários.

No estudo de Ribeiro e Andrade (2006), por sua vez, lança um questionamento interessante sobre essas pseudopolíticas de inclusão familiar, nas quais muitas vezes, estas ações se dão de modo não sistemático, e que até mesmo funciona como uma “hierarquização do saber, de postura submissa e não verdadeiramente participativa dos pais”, em que estes atuam somente como uma extensão das ações escolares, sem reconhecer as reais dificuldades de cada criança e de seu núcleo familiar.

Dessa forma, entende-se que essas ações precisam ser adaptadas e formuladas a partir de um diagnóstico de cada configuração socioeconômico cultural, pois cada criança e família tem uma realidade e necessidades singulares, que precisam ser reconhecidas pela escola.

Na terceira pergunta, procuramos identificar as questões sobre preconceito relacionado aos diferentes tipos de famílias quanto a questão de gênero: Existe algum preconceito entre os alunos em relação as famílias, pois hoje sabemos que existe famílias de várias formas como: Pai e mãe, duas mulheres, dois homens, avós e tios?

A professora Ana destacou especificamente a questão dos avós que são responsáveis pelas crianças, não abordando a questão de gênero, mais uma vez:

Professora Ana: não, porque se você prestar atenção tem muitos avós que tomaram para si essas responsabilidades de criar os filhos dos filhos, então é muito comum. É raro os pais que criam seus filhos principalmente as crianças especiais”.

Professora Bia: não, porque ainda não tive crianças criadas por homens sexuais, mais tenho crianças criada pelos avós ou só pela mãe. Os preconceitos que ocorre é de não querer pegar não mão por alguns motivos como a criança ser de pele escura ou ter algum déficit de deficiência.

Nesse contexto, vale frisar que os diferentes arranjos familiares devem ser reconhecidos pela escola, e um dos casos não mencionados pelas participantes deste estudo merecem uma discussão: as famílias constituídas por casais homoafetivos, que compreendem às configurações sociais que mais sofrem preconceito, e a escola, muitas vezes, anula a inclusão das mesmas nas ações escolares, pois muitas vezes a visão patriarcal da heteroafetividade ainda prevalece na visão de muitos trabalhadores da educação, aliado ao despreparo de muitos professores em lidar com arranjos familiares diversos (OLIVEIRA; LEAL; AMORIM, 2021).

Na quarta pergunta, sobre políticas públicas para a promoção da relação família-escola, foi lançado seguinte o questionamento para os entrevistados: De que forma o estado está trabalhando nessa instituição com o intuito de quebrar a responsabilidade da educação apenas para a escola?

Sobre este assunto, tanto a professora Ana quanto a professora Bia, falaram somente sobre os aspectos físicos e práticos da escola, como a reforma estrutural, fardamento, materiais didáticos e etc. Nenhuma das professoras mencionou conhecer políticas públicas sobre o assunto:

Professora Ana: aqui estava muito largado, pois está passando por uma reforma mesmos com as crianças dentro é tanta que algumas chegaram a adoecer por conta de ser muita poeira, então, agora é que estão tendo uma preocupação a mais trocando os pergolados que estava rachado ocorrendo o risco de machucar alguma criança, chegaram os quites escolares mais ainda

está faltando fardas assim né de vez enquanto mais não é sempre.

Professora Bia: realmente tem muito a ser feito, pois eles não ver isso como uma responsabilidade pois ainda está faltando fardas e materiais para os alunos.

Diante o exposto, entende-se que as políticas públicas têm um papel crucial para transformar a realidade exposta pelas professoras. Por meio delas, pode-se estimular uma melhor alocação de recursos, tais como a distribuição de professores, do tempo de ensino ou do material pedagógico, organização dos serviços, currículo escolar e de práticas pedagógicas, e ainda, estimular a participação e inclusão social por meio da escola (LEMOS, 2013).

Na pergunta número cinco, as professoras foram indagadas da seguinte forma: Quais são os projetos hoje que estão voltados a participação da família na escola?

Professora Ana: tem o Dia da Família em que vem os pais e avós, que então as professoras mostram as atividades elaboradas pelos próprios alunos, e ocorre também no Dia das Mães, mas, que não cheguei a vivenciar por ser nova na instituição.

Professora Bia: reuniões, eventos como a semana da leitura e o dia da família chamamos os responsáveis e mostramos atividades feita pelos alunos.

Por conseguinte, as professoras receberam o seguinte questionamento: A escola proporciona para os professores capacitações, projetos ou palestras que ajudem na atualização de informações sobre normas formas de família, e seus contextos sociais e econômicos?

Professora Ana ressalta que por parte da prefeitura, sim, mas que são temas elaborados pela secretaria de educação, mas que sempre procura se aperfeiçoar por meios próprios, como por exemplo, na capacitação em libras para receber e se comunicar melhor com o aluno com necessidades auditivas. A Professora Bia, afirma que para sua própria atualização “deve partir de nós mesmos (os professores) o interesse em se aperfeiçoar e correr atrás para alcançar”, pois a prefeitura ofertava poucas capacitações para os docentes.

Com isso, reflete-se sobre o processo formador de professores, que formar um real educador, além de um reproduzidor de informações, e para tanto, uma capacitação adequada, que o auxilie no contato com os alunos, o fortaleça em técnicas de ensino

e auxilie em estimular o imaginário e desenvolvimento de seus educandos é primordial. Para isso, temos a prerrogativa legal que estimula essas ações dentro das metas do Plano Nacional da Educação, como vemos no trecho a seguir:

Promover e estimular a formação inicial e continuada de professores (as) para a alfabetização de crianças, com o conhecimento de novas tecnologias educacionais e práticas pedagógicas inovadoras, estimulando a articulação entre programas de pós-graduação *stricto sensu* e ações de formação continuada de professores (as) para a alfabetização (PNE, 2014, p. 26).

A pergunta seguinte foi: Existe alguma diferença entre os alunos que tem o acompanhamento da família, com aqueles que já não tem a família presente? E de que forma o professor procura ajudar os mesmos? As professoras se expressaram da seguinte forma:

Professora Ana: sim, pois tem aqueles que sempre perguntam e se preocupa como foi o desenvolvimento da criança durante o período, como também aqueles não mostram nenhum interesse e que nem a agenda olha. Tem pais de aluno aqui que nem se quer conhecemos, então tudo isso afeta, porque o aluno se sente desamparado pela família.

Professora Bia: aqueles que tem o acompanhamento da família nós sempre estamos conversando. Mas há aqueles que não tem de jeito nenhum, tem aqueles da família que não aceita diálogo, que é bem difícil de conversarmos, tem umas que a gente conversa e elas acatam, mas há outras não entendem, não fazem nada, que até chega a causar um certo desconforto entre a escola e a família.

No que foi expresso pelas professoras, nota-se a mesma sintonia de vivências, em que ambas relatam ter dificuldade em se relacionarem com algumas famílias, muitas vezes, por resistência própria dos familiares em aceitarem opinião da escola ou de não terem o desejo de participar das atividades escolares.

Por outro lado, é sabido que a participação de pais e cuidadores se configura como uma ferramenta importante para a escola entender com maior clareza o contexto social da criança e dos pais de serem participantes do processo educativo de seus filhos, e de terem uma melhor do processo socioeducativo que lhes é proposto, bem como de suas necessidades e potencialidades educacionais.

Neste cenário, complementa-se com o raciocínio de Sousa (2003), sobre o papel dos pais como educadores:

Os pais são, sem dúvida, os primeiros e principais educadores dentro da

família e não só, de tal modo que onde faltam os pais dificilmente a educação será cumprida na totalidade. A família aparece, assim, como o lugar embrionário e essencial onde se aprende a viver, a ser e a estar, onde se bebem e se consciencializam as virtudes sociais de que as sociedades necessitam absolutamente. Na família aprende-se a respeitar os outros e a colaborar com eles. Este dever de educar precisa da ajuda de toda a comunidade humana que deve defender sempre os deveres e direitos dos pais e auxiliá-los segundo o princípio de subsidiariedade (SOUZA, 2003, p. 186).

Finalizou-se a entrevista com a seguinte pergunta: Como a escola, professores e pais se organizam para pensar estratégias juntos? As professoras relataram:

Professora Ana: Acontecem reuniões promovida pela coordenação e a entrega de relatórios feitos duas vezes ao ano descrevendo o desenvolvimento da criança no decorrer do período, temos os contatos dos pais por meio de conversa; tem uns que não querem participar mais aqueles que a gente ver o interesse com a criança sentimos um retorno muito grande.

Professora Bia: Fazemos as reuniões, mostramos o nosso planejamento, estamos sempre passando o que acontece no dia a dia temos as agendas tem uns pais que olha outros não dá a mínima importância, só isso mesmo.

Nas falas das educadoras, percebe-se que as reuniões institucionais com os pais se realizam em momentos pontuais do calendário escolar, em um formato mais expositivo de ações do que interacional. Este modelo de reunião é criticado por Branco (1988), que considera este formato não beneficia nenhuma das partes envolvidas, já que muitas vezes se configura como um momento de críticas, cobranças e reclamações, se distanciando muitas vezes da partilha e troca de informações em prol da qualidade educacional da criança.

Perante o exposto, nota-se que as vivências das educadoras entrevistadas foram semelhantes, e em muitos aspectos, com expressões iguais e/ou complementares, como o visto no conceito de família, relação família-escola e o papel do estado, o que também concordou em parte com os resultados identificados na revisão integrativa.

Ainda percebemos que a falta de interesse na relação família-escola se dá pela falta de aprofundamento sobre a temática. As entrevistadas sabem que essa participação é importante, mas não sabem como realizar de forma mais profunda e também não apresentam conhecimentos sobre as políticas públicas para a promoção dessa relação.

## CONCLUSÃO

Diante das discussões realizadas ao longo desta pesquisa, se faz necessário destacar que existe uma grande falha no sistema educacional quando falamos sobre a mínima possibilidade de compreensão dos seus papéis, que por vezes, se demonstram confusos, quando falamos do real significado do que é a escola, a educação e a família para o desenvolvimento da criança.

Este cenário acontece não por conta dos profissionais da educação, que não compreendem seus papéis, mas pela própria cultura enraizada que ainda põe a escola como responsável pela educação integral da criança, e em parte isso advém das desigualdades sociais existentes em diferentes países, assim como no Brasil.

A falta de informação e de responsabilidade de alguns responsáveis pela criança é uma das possíveis maiores causas dos atrasos na educação da criança.

Vale frisar que a família é a parte fundamental da base inicial da educação, pois é ela que mostra as primeiras coisas do mundo individual e coletivo, é preciso que a escola antes de tudo consiga compreender de que modo o indivíduo foi apresentado ao mundo e de que modo ele vive no mundo.

Mas infelizmente, existem outros fatores que interferem na relação da família com a escola, como exemplo o patriarcado que foi citado na fundamentação teórica, a falta de comunicação dos gestores escolares com a família, e também com seus funcionários, pois o afastamento da família da escola é um grande fator para o atraso no desenvolvimento da criança.

Desse modo, faz-se necessário que a escola, junto com as famílias, encontre modos de elaborar novas formas de se relacionarem entre si, e para que isso de fato ocorra é necessário que tanto a escola como as famílias consigam superar as barreiras de preconceitos existentes diante de suas constituições familiares, e não falo isso só no quesito casais homoafetivos, mas em mães/pais que criam seus filhos sozinhos, avós/avôs que criam seus netos, e inúmeras outras constituições. Então é desse modo que é possível uma comunicação mais viável da família com a escola e também o inverso.

É possível então concluir que todas essas problemáticas afetam nas inter-relações da família com a escola, e que automaticamente isso vai causar algum tipo de atraso no desenvolvimento da criança. Desta forma só é possível que haja um melhor funcionamento se houver trocas de informação entre todos os que participam

da vida da criança, pois a família antes de tudo é a parte inicial do processo de educação da vida de todos os indivíduos.

## REFERÊNCIAS

BRANCO, L. C. **O trabalho cotidiano do professor na escola**: novas perspectivas. In: Revista do Congresso de Educação Continuada – Polo 7, PEC / Unital, dez. 1998.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação - PNE** /Ministério da Educação. Brasília: INEP, 2014.

CHECHIA, V. A; ANDRADE, A. S. **Pais de alunos com sucesso e insucesso escolar**: Percepções da escola do desempenho escolar dos filhos e do envolvimento com o cotidiano escolar. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, 2002.

COSTA, A. P SOUZA, J. A. **Família e Escola**: As Contribuições Da Participação dos responsáveis na educação infantil. Campo Dos Goytacazes-Sp. Revista Khora, V. 6, N. 7, 2019.

LEMOS, Valter. Políticas públicas de educação: equidade e sucesso escolar, **Sociologia, Problemas e Práticas**, v. 73, pp. 151-169, 2013. DOI:10.7458/SPP2013732812.

MAGALHÃES, C. R. **Escola e famílias: Mundos que se falam? Um estudo da implementação da progressão continuada**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo.2004.

MARCONDES, K. H. B; SIGOLO, S. R. R. L. **Comunicação e envolvimento**: possibilidades de interconexões entre família-escola? Ribeirão Preto, v. 22, n. 51, p.91-99. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010363X2012000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010363X2012000100011&lng=en&nrm=iso)>. Acessado: 12 abril, 2022.

OLIVEIRA, A. R. D. **Relação escola e famílias: a visão de professores e mães de alunos de classes de recuperação**. 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2551?show=full>> Acesso: 12 abril 2022.

OLIVEIRA, C. B. E. D; MARINHO-ARAUJO, C. M. **A relação família-escola: intersecções e desafios**. Estud. psicol. (Campinas), v. 27, n. 1,2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2010000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 19 Apr. 2021.

OLIVEIRA, E. S.; LEAL, M. P.; AMORIM, F. L. A. A escola e os novos arranjos familiares. IN: **Anais da XII Mostra Científica da Faculdade Estácio de Vitória – FES**, n.12, v.1, p. 347-374, dez. 2021. Disponível em: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/AMCF>. Acesso em: 21 maio 2022.



PAROLIN, Isabel. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares**. Fortaleza: Educar Soluções, 2003.

PETZOLD, M. **A definição psicológica da família**. Em M. Cusinato (Org.), Pesquisa sobre recursos e necessidades familiares em todo o mundo (pp.25-44). Milano-Itália: LEDE dizioni Universitarie.1996.

RIBEIRO, Daniela de Figueiredo. ANDRADE, Antonio dos Santos. **A assimetria na relação entre família e escola pública**. Paidéia, v. 16, n. 35, pp. 385-394, 2006.

SANCHES, Isabel. **Do ‘aprender para fazer’ ao ‘aprender fazendo’**: as práticas de Educação inclusiva na escola. Revista Lusófona de Educação, v. 19, p. 135-156, 2011.

SILVA, Pedro. **Interface escola-família, um olhar sociológico**: Um estudo etnográfico no 1º ciclo do ensino básico. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado não publicada, Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2001.

SOUSA, F. H. (2003). **A participação dos pais na escola**. Povos E Culturas, (8), 185-198. <https://doi.org/10.34632/povoseculturas.2003.8859>

STRÜCKER, B.; MAÇALAI, G.; ZIMMERMANN, R.; ARGERICH, E.N.A.; LIMA, L.A; J.G. **Famílias homoafetivas e a escola: Preconceito e propostas de inclusão**. Anais Eletrônico do EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica UniCesumar, n. 9, pp. 4-8, nov. 2015.

## APÊNDICE

### Roteiro de entrevista

Entrevista nº: \_\_\_\_\_

#### 1. Dados sociodemográficos

Nome: \_\_\_\_\_ Data de nascimento: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) masculino. ( ) feminino.

#### 2. Questionário

Perguntas	Respostas
1. O que é família para você?	
2. De que forma a escola trabalha para incluir a família na aprendizagem do educando?	
3. Você educador, em sala de aula consegue perceber as diferenças socioeconômicas entre os alunos, e se isso afeta de algum modo no aprendizado deles?	
4. Existe algum preconceito entre os alunos em relação as famílias, pois hoje sabemos que existe famílias de várias formas como: Pai e mãe, duas mulheres, dois homens, avós e tios?	
5. De que forma o estado está trabalhando nessa instituição com o intuito de quebrar a responsabilidade da educação apenas para a escola?	
6. Quais são os projetos hoje que estão voltados a participação da família na escola?	
7. A escola proporciona para os professores capacitações, projetos ou palestras que ajudem na atualização de informações sobre normas formas de família, e seus contextos sociais e econômicos?	
8. Como você trabalha dentro da sala de aula para uma educação mais inclusiva?	
9. Existe alguma diferença entre os alunos que tem o acompanhamento da família, com aqueles que já não tem a família presente? E de que forma o professor procura ajudar os mesmos?	
10. Como a escola, professores e pais se organizam para pensar estratégias juntos?	